

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

CAPISTRANO DE ABREU (Maranguape, CE, 23-10-1853;
Rio de Janeiro, 13-8-1927)

"Capistrano de Abreu foi o mais modesto e o maior dos nossos historiadores. Não quis nunca escrever uma História do Brasil, o que ele mais do que ninguém poderia fazer". A esse conceito de João Ribeiro poder-se-ia acrescentar que Capistrano foi também o mais estudado e o mais criticado dos que se dedicaram a estudos históricos em nosso país. Tanto já se escreveu sobre ele, que poderá parecer uma inutilidade dele tratar novamente. E o "novamente" cabe bem neste local, pois esta nossa publicação já se ocupou dele, em seu nº 95, de 1979, portanto há quase vinte anos, pela pena do Acadêmico Célio Debes, que o tem como patrono na Academia Paulista de História. E bem antes, José Honório Rodrigues dedicara-lhe extenso capítulo de seu livro **História e historiadores do Brasil** (São Paulo, Fulgor, 1965), além de ter dele tratado em outros livros e além, ainda, de ter promovido a edição ou reedição de trabalhos do historiador. E bem antes, ainda, (1927 e 1930), João Ribeiro, com a argúcia e o bom senso que bem o caracterizaram, dele cuidou, comentando pelo "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, os volumes avulsos de sua obra, que começavam a ser publicados pela Sociedade Capistrano de Abreu. Os artigos do mestre sergipano foram reunidos para o volume dedicado a Capistrano de Abreu do precioso suplemento "Autores & Livros", vol. VI, nº 5, de 6 de fevereiro de 1944, do jornal "A Manhã", do Rio de Janeiro. Esse volume do suplemento encerra páginas de Afrânio Peixoto, Afonso Arinos de Melo Franco, Humberto de Campos, Pandiá Calógeras, além de dois excertos do próprio historiador.

Melhor do que escrever qualquer coisa de novo, julgamos mais proveitoso transcrever nesta seção alguns dos depoimentos que nos

pareçam significativos, capazes de individualizar a figura tão marcante que foi o mestre cearense.

Capistrano nunca fez estudos regulares que lhe propiciassem um grau universitário. Tentou algumas vezes, especialmente no curso jurídico (meta de quase todo o jovem da época), mas não se empolgou por nenhum ramo do aprendizado. Tornou-se, assim, um auto-didata, o que assegurou-lhe uma cultura invejável, inclusive com o domínio de línguas estrangeiras, notadamente o inglês e o alemão, como o provam as traduções que empreendeu. "Mais empenhado em conhecer, em saber, do que em angariar títulos, rebelde às imposições que bitolavam o campo das indagações, reage às limitações dos currículos, ignorando-os, desestimando-os (...) As vicissitudes, contudo, não o afastam dos livros, aos quais se entrega à noite, nas horas de repouso. Sua vocação se manifesta na íntegra. Não almejava ser doutor, bastava-lhe ser douto, posto que sem presunção" (Célio Debes).

Ao vir para o Rio de Janeiro em abril de 1875, trazia já uma razoável experiência jornalística haurida em sua província e que prosseguiu na Corte. Mas o acontecimento que marcou deveras sua vida na capital do Império foi o ingresso para o quadro de funcionários da Biblioteca Nacional, onde teve oportunidade de exercitar-se em todas as disciplinas auxiliares e especialmente no conhecimento direto das fontes e da bibliografia histórica. Foi a Biblioteca, no dizer de José Honório Rodrigues, o seu "laboratório científico" e lá participou do "maior empreendimento bibliográfico já levado a efeito no Brasil, o monumental **Catálogo da Exposição de História do Brasil**, publicado em 1881.*

Uma certa incompatibilidade com a nova direção da Biblioteca, levou Capistrano a "mudar de casa", candidatando-se à cadeira de História do Brasil do Colégio Pedro II. Elaborou, para fazer jús a esse cargo, tese versando sobre o descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI. Célio Debes registra a opinião sobre este concurso pelo jornalista teuto-alemão Karl von Koseritz. Narra ele,

(*) O Catálogo da Exposição de História do Brasil, considerado o "maior empreendimento bibliográfico já levado a efeito no Brasil", mereceu reedição fac-similar pela Editora da universidade de Brasília, integrando a preciosa coleção "Temas Brasileiros", vol. 10, de 1981, com prefácio de José Honório Rodrigues.

em seu livro **Imagens do Brasil**, a situação constrangedora, em que se viram enleados, na presença do Imperador, os dois examinadores Matoso Maia e Moreira de Azevedo, sob a presidência de Sílvio Romero: "Foi um verdadeiro exemplo - escreve Koseritz - de dois examinadores ignorantes e intelectualmente limitados, aos quais o examinando superava de longe, e que, por isto com ele se chocavam e se comprometiam a cada momento. Eles faziam as mais extraordinárias e, por vezes, mesmo, tolas objeções à tese do talentoso jovem, e via-se claramente como o Imperador se aborrecia com a incapacidade dos examinadores"*.

Não deixou Capistrano nenhuma obra sistematizada, o que é deveras lamentado por todos os que dele se ocuparam. Seus artigos, originalmente esparsos por jornais do Rio de Janeiro, só se transformaram em livros graças à iniciativa da Sociedade Capistrano de Abreu, constituída pouco depois de seu falecimento. Em sua bibliografia, não há apenas trabalhos originais seus. Editou ou reeditou muita coisa de outros, especialmente textos de interesse para a história primitiva do Brasil, como cartas jesuíticas, relatos de Fernão Cardim, os escritos de Gandavo, os "Diálogos das grandezas do Brasil" e, principalmente a obra clássica de Frei Vicente do Salvador. Interessou-se particularmente pela obra de Varnhagen, cuja primeira edição data de meados do século XIX. Entendeu de reeditá-la e anotá-la, transformando-a, com a colaboração inestimável de Rodolfo Garcia, nos cinco alentados volumes das modernas edições, quando originalmente constava de apenas de dois, ampliados para três numa segunda edição. A segurança com que anotou a obra do "historiador de Sorocaba" assumiu tal propeção, que muitos autores que, por qualquer razão, não apreciam Varnhagen, chegam a dizer que sua obra vale pelas anotações de Capistrano...

Dos volumes editados pela Sociedade Capistrano de Abreu, dois continuam presentes na bibliografia atual: **Capítulos de história colonial** e **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Mereceram ambos, reunidos em um só volume, figurar na "Biblioteca Básica Brasileira", idealizada e publicada pela Editora da Universidade de

(*) Koseritz, *Imagens do Brasil*, p. 110. Trad. de Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo, Martins, 1943.

Brasília. Excelente introdução de José Honório Rodrigues enriquece o volume.

Esses dois livros - e mais **O descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI** - diz José Honório Rodrigues, "marcam um momento crítico de nossa historiografia, uma revolução modernista que não se completou. A obra de Euclides da Cunha - não os excessos científicos gastos pelo tempo e pela própria evolução científica, mas a simples e nua luta - já assinalara, em 1902, uma outra etapa do mesmo momento, em que o ideal da nossa historiografia era ver nossa História à luz de sua própria substância, a evolução do seu povo, sua solidariedade interna, a marcha do seu progresso, os obstáculos que desde a colônia se opuseram às suas conquistas e seus triunfos e o muito que ainda resta fazer. Em nenhuma estante brasileira, do professor, do estudante, do estudioso, dos responsáveis pelos negócios públicos, dos patriotas, devem faltar estas obras de Capistrano de Abreu, o mais caboclo dos nossos historiadores. Não houve doutrina, ideologia alemã, francesa, inglesa, americana, oriental ou judaica, fosse o que fosse, servisse ou não como instrumento de pesquisa e orientação, que o desviasse da visão nacional, que tirasse seus pés dos chãos desta terra, desvirasse sua cabeça das inspirações dos nossos maiores ou arrancasse seu coração dos sentimentos da nossa gente" (Prefácio à citada edição de Brasília).

Os Caminhos antigos e o povoamento do Brasil, que definiram os roteiros da época colonial, explicaram a articulação das várias capitanias e mostraram um campo novo da Historiografia, sempre mereceu especial atenção de José Honório Rodrigues, que o considera tão significativo para o Brasil como o livro de Turner, **The Frontier in America**, para a historiografia americana: Vale transcrever este tópico:

Quando Capistrano de Abreu apareceu na historiografia brasileira, esta centralizava seu interesse essencialmente nas comunidades do litoral. Ele viu o sertão e o caminho como processo de incorporação e dilatação da fronteira ocidental: era um campo novo, um método de investigação e interpretação original da formação colonial do Brasil. O sertão e os caminhos são um fator de criação da vida brasileira. Insatisfeito com as histórias puramente políticas que mutilam a unidade humana, ele não divide com sua geografia e economia aprendidas dos alemães o suceder histórico. Ao estudar a ocidentalização do Brasil,

estava particularmente interessado em achar aquilo que a distinguia da velha civilização européia. O sertão e o caminho são ilustrações dos processos de desenvolvimento da história brasileira. O verdadeiro ponto de vista da história do Brasil não é a costa atlântica, mas o sertão que a ele conduzem e o articulam com o Governo Geral. No processo de transformar o sertão, o colono a princípio se barbariza e depois ele próprio e o sertão se alteram e, nesta mudança, cria-se uma nova personalidade, que é distintamente brasileira. O papel do sertão e dos caminhos, entrevisto agora pela primeira vez, modificou profundamente o escrito e a metodologia históricas no Brasil. A história do Brasil colonial não era só a da colonização da costa atlântica, mas a expansão pela terra, livre ou ocupada por indígena".*

O reconhecimento de Capistrano de Abreu foi sentido mesmo por autores que não terçaram armas no mesmo campo. Iríamos longe se a todos citássemos. Ocorre-nos, para exemplificar o que sobre escreveu Humberto de Campos em página recolhida no segundo volume de *Crítica*, de 1933. Para o escritor maranhense, Capistrano "foi, efetivamente, a inteligência mais aguda, e pronta, que as letras brasileiras já tiveram a seu serviço nos domínios da História"**.

*

BIBLIOGRAFIA

Boa parte da obra de Capistrano de Abreu, conforme já foi demonstrado na nota anterior, permaneceu esparsa em publicações periódicas do Rio de Janeiro. Apenas sua tese de concurso ao Colégio Pedro II, os **Capítulos de história colonial** e o ensaio sobre a língua dos caxinaús foram publicados em vida do autor.

À Sociedade Capistrano de Abreu coube a tarefa altamente meritória não só de reeditar as obras anteriores, como promover a edição

(¹) Rodrigues, J. J. - História e historiadores do Brasil, p. 50. São Paulo, Fulgor, 1965.

(²) Campos, Humberto de - *Crítica*, v. 3. Rio de Janeiro, José Olympio, 1933. Transcr. em *Autores & Livros*, supl. literário de "A Manhã", Rio de Janeiro, 6 de fev. de 1944; um pequeno excerto deste longo artigo foi transcrito por Raimundo Menezes no verbete dedicado a Capistrano de Abreu de seu *Dicionário Literário Brasileiro*, p. 5; 2ª ed., Rio de Janeiro, LTC, 1978.

em volumes de grande parte do que ficara disperso. Surgiram, assim, os quatro volumes dos **Ensaio e Estudos**, bem como o livro **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**, que se tornou o mais citado de seus trabalhos e do qual extraímos a "seleta" que complementa esta nota. Já mencionamos que os **Capítulos** e o **Caminhos antigos**, reunidos num só volume, foram reeditados pela Editora da Universidade de Brasília na série "Biblioteca Básica Brasileira", com excente prefácio de José Honório Rodrigues.

Apenas as referências bibliográficas:

O descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI.

Rio de Janeiro, 1883.

Capítulos de História colonial. Rio, 1907.

Rã-txa-hu-ni-ku-i: a língua dos caxinauás. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1914.

*

Textos clássicos da historiografia brasileiros prefaciados e ou anotados por Capistrano de Abreu:

Gandavo, Pero de Magalhães - **História da Província Santa Cruz // Tratado da terra do Brasil.** Rio de Janeiro, Anuário do Brasil (1924) (Publicações da Academia Brasileira de Letras). Reeditada diversas vezes.

Cardim, Fernão - **Tratados da terra e gente do Brasil.** Rio de Janeiro, J. Leite, 1925. Reeditados diversas vezes.

X., **Diálogos das grandezas do Brasil.** Rio de Janeiro, Oficina Industrial Gráfica, 1930. Diversas reedições.

Salvador, Fr. Vicente do - **História do Brasil.** São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Varnhagen, F. Adolfo de - **História geral do Brasil.** Terceira edição. São Paulo, Melhoramentos, s. d. 5 vs.

*

Traduções:

Wappaeus - **Geographia Physica do Brasil**. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1884.

Sellin - **Geographia Geral do Brasil**. Rio, Alves, 1889.

Smith, Herbert - **Do Rio de Janeiro a Cuiabá: notas de um naturalista**. São Paulo, Melhoramentos, 1922.